

Um Estudo sobre a ação com colagens realizada pelo Laboratório de Cultura e Visualidades da Universidade Federal do Cariri¹

Paulo Rossi Cavalcanti NETO²

Ricardo Rigaud SALMITO³

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

O presente artigo busca compreender a ação com colagens no *feed* do *Instagram* do Laboratório de Cultura e Visualidades (Labvis), da Universidade Federal do Cariri (UFCA), entre os meses de Julho e Agosto de 2020. Esta ação, desenvolvida e realizada pelo próprio Labvis, faz parte do planejamento anual e compôs um dos macrotemas que o projeto tem abordado, assim como a fotografia e o audiovisual. Diante do contexto de pandemia de Covid-19, a chamada para exibição de colagens no perfil do Laboratório refletiu um pouco o período e demonstrou de que forma o projeto se reinventou e replanejou suas ações para o ano, bem como todo o mundo tem feito.

PALAVRAS-CHAVE: colagem; Arte; pandemia; *Instagram*; Labvis.

Introdução

O Laboratório de Cultura e Visualidades (Labvis) é um projeto da comunidade acadêmica proposto pelo professor de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA) Ricardo Rigaud Salmito, aprovado em edital da Pró-Reitoria de Cultura da mesma Instituição. Tendo atuado em 2019 e em alguns anos anteriores, em 2020 foi aprovado com uma bolsa remunerada e uma bolsa voluntária. A ideia do projeto é operar tanto de forma prática quanto teórica e é um ambiente de análise, exibição, produção e crítica da imagem. A reflexão continuada sobre o estatuto da imagem na contemporaneidade e sobre os diversos formatos de visualidades no cotidiano tem sido um dos objetivos do Laboratório ao longo de seus anos de atuação. Além disso, o Labvis realiza experimentações neste campo também.

¹ Trabalho apresentado na II08 - Estudos Interdisciplinares, da Intercom Júnior - XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando em jornalismo pela Universidade Federal do Cariri. Bolsista do Laboratório de Cultura e Visualidades pela Pró-Reitoria de Cultura (PROCULT/UFCA); email: paulorossicavalcanti@gmail.com

³ Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri. Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Orientador do Trabalho; email: ricardo.salmito@ufca.edu.br

O ano de 2020 marca, em todo o mundo e para todas as pessoas, a pandemia de Covid-19. Cidades, Estados e Países inteiros propuseram regras e decretos de distanciamento social e quarentena, para tentar conter o avanço do vírus que levou à morte milhões de vidas. Este contexto marca um novo momento para a sociedade: a utilização de meios virtuais digitais para exercer as atividades que antes eram desenvolvidas de modo físico e com contato. Empresas, escolas, a atividade cultural: todos os eixos sociais se viram, de um instante para o outro, obrigados a adotarem novas formas de pensar e trabalhar.

Para o Labvis não foi diferente. Aprovado em edital e com os planos para 2020 já preparados, todas as atividades que seriam desenvolvidas e os encontros semanais para leitura de textos, discussão e planejamento tiveram que ser repensados, incluindo o Cineclubes em Rede, ação semanal proposta em conjunto com a Corte Seco - Revista de Audiovisual, que acontece todas as sextas-feiras as 15 horas, e os encontros com convidados externos à UFCA, que se tornaram *lives* no *Instagram*. Além dessas atividades, surge a ideia de desenvolver um projeto a partir do primeiro tema escolhido pelo Laboratório para o ano, a colagem. Essa ideia consiste em utilizar a plataforma *Instagram* para o compartilhamento de colagens, de forma livre a partir de uma seleção feita através do envio dessas imagens por qualquer pessoa que assim o deseje. Este artigo pretende apresentar, analisar, entender e discorrer especificamente sobre esta ação.

Breve história da colagem

De origem antiga que passou a ganhar novas dimensões de sentido, a colagem foi incorporada ao mundo da arte a partir do século XX, sendo muito utilizada por artistas como Picasso e Georges Braque. Essa técnica consiste na composição - e por sua vez, sobreposição - de materiais que possuem texturas, formatos, tamanhos e cores diferentes. É uma forma criativa de produzir novas imagens com novos sentidos e propósitos, utilizando-se de outras já existentes, numa espécie de reutilização.

Foi através de movimentos como o cubismo que a colagem passou a ser vista como uma técnica estética e artística. Sua incorporação às obras de arte foi uma ruptura ao estilo vigente da época e proporcionou um entendimento de superfície mais amplo para os artistas, que agora poderiam "brincar" com o limite entre pintura e escultura, já que a colagem aglutina outros materiais possíveis, como papel, madeira, pintura em tela e tantos outros.

Para Vitor Rezkallah Iwasso (2010), as novas experiências estéticas que a colagem proporcionou a partir de sua incorporação às vanguardas modernas refletem bastante as novas subjetividades, sendo um produto de seu tempo. Não à toa permeiam as questões de mudanças sociais que foram trazidas pela sociedade industrial, onde “velocidade”, “fluxo”, “aceleração” se tornaram palavras frequentes, com significados novos.

Com a mudança que a arte gráfica e a industrialização trouxeram aos centros urbanos europeus no século XIX, inclusive através de propaganda e ideias de consumo, as cidades passam a observar o fenômeno das marcas, os *outdoors*, placas se interpolando entre si, sobressaindo-se e criando uma atmosfera que hoje nos é bastante conhecida. É lógico que mais cedo ou mais tarde a observação deste fenômeno seria pensado e absorvido também pela arte. Data-se deste período uma inquietação com a “poluição visual” que esse fluxo de informação passa a gerar nos grandes centros urbanos. Iwasso (2010) destaca que “esse processo de apropriação era muitas vezes visto como "meio" em direção a fins mais "respeitáveis", tensionando as relações entre uma iconografia advinda da experiência do espaço urbano e uma arte restrita a sua autonomia formal” (CROW, 1998 apud IWASSO, 2010, p. 39).

Em 1912, quando Braque usa um rolo de papel de parede estampado não na parede, mas sobre uma tela, revoluciona e rompe com a estética artística vigente. *Fruit Dish and Glass*, sua obra agora citada, cria uma espécie de materialidade que une o tema proposto por Braque em sua peça a partir não só da visualidade, mas também da tateabilidade.

A arte gráfica, mais especificamente impressa, marca primordialmente este momento da colagem, uma vez que é, assim como a técnica, forte produto dos processos de industrialização da época. A história da colagem e a forma como ela passa a ser utilizada e popularizada segue a lógica mercadológica da nossa sociedade de consumo, passando inclusive a ser utilizada como crítica ao nosso modelo de vida.

No contexto digital, que surge desde o final do século XX, a colagem se reinventa, passando a ganhar novos contornos e novas ferramentas, além das suas novas possibilidades de confecção. Perde-se uma materialidade, ganha-se com a criatividade e a infinitude de oportunidades de utilização da técnica, uma vez que agora outros elementos digitais, alguns anteriormente utilizados também na sua forma manual, passam a ser utilizados, como desenhos, fotografias, textos, fragmentos de revistas, jornais, tipografias sem custos, já que os materiais passam a estar disponíveis na *internet* e não

carecem de ser comprados. Os espaços digitais ressignificam vários dos processos da colagem, como o “cortar” e “recortar”.

Além disso, a colagem passa a ser ferramenta utilizada junto a outras formas artísticas, como poesias, junto a música, ao cinema em um formato audiovisual produto de vários elementos condensados em tela. Por fim, se consolida como produto e enquanto finalidade. Iwasso afirma que “a inter-relação entre colagem, tecnologia e cultura de massa, implica na primeira, por um lado, o fantasma da obsolescência e, por outro, o risco de tudo, no fim, equivaler enquanto produto de consumo” (IWASSO, 2010, p. 53).

Na contemporaneidade, como destaca o autor Fernando do Nascimento Gonçalves (2007), a arte tem sido um espaço vital para questionamentos e intervenções. A arte, no seu caráter estético e subjetivo, é um operador discursivo, produzindo sentido a partir de várias dimensões do humano através de diversas ferramentas, algumas inclusive novas, gerando percepções e mudando a realidade.

A arte, por trabalhar no campo simbólico, nos ajuda a pensar os modos como temos nos relacionado com as tecnologias, como vivemos nossas experiências de comunicação e permite criar usos novos das mídias tecnológicas ampliando as nossas possibilidades de intervenção cultural atualmente. Esse tipo de entendimento pode vir a partir da própria arte moderna, que cria para si novas maneiras de interpretar e repensa valores, construindo um novo modelo de apreciação e de produção artístico.

O hibridismo nesse campo das artes tem ganhado cada vez mais espaço com o passar dos anos e dentro dessa equação a colagem é uma das faces mais notável dessa mistura de elementos artísticos, muitas vezes numa produção ao melhor estilo “tudo ao mesmo tempo”. Ainda segundo Gonçalves:

Nesse sentido, a arte contemporânea está mais para o código (subjetivo) do que para a linguagem (objetivo) e evoca mais a idéia de rede e de constelação (dispersão) do que de estrutura. O artista contemporâneo trabalha não mais com desejo de rompimentos ou superações, mas com o de deslocamentos, através de colagens e simultaneidades. O próprio museu hoje perde sua aura para se tornar um depósito de objetos passíveis de serem colados, conectados. (GONÇALVES, 2007, p. 7).

Contexto da “Chamada para Colagens”

Enquanto projeto da comunidade acadêmica aprovado em edital no ano de 2020 pela Pró-Reitoria de Cultura da Universidade Federal do Cariri (UFCA), o Labvis passa a operar em meados de Abril, neste contexto mundial de pandemia de Covid-19.

Devido à doença e ao protocolo de distanciamento social e quarentena que se estendeu no Estado do Ceará e seguido pela UFCA, o Labvis precisou reinventar suas ações e replanejar todo o ano para o contexto novo que surgiu de virtualidade ao invés de presença física. Para tanto, alguns macrotemas que o projeto deveria percorrer ao longo dos demais meses de 2020 foram estabelecidos. A colagem surge como primeiro eixo temático a ser estudado, compreendido e trabalhado, com intenção de execução de algo prático, e uma exposição virtual.

Medidas preventivas tomadas em todo o mundo devido à pandemia da Covid-19 ao longo de quase todo o ano de 2020, como o distanciamento social e o confinamento em casa, mudaram tanto as perspectivas sociais quanto econômicas em todo o planeta. Sendo assim, várias áreas da vida cotidiana e das relações interpessoais precisaram ser repensadas e passaram por um processo de readequação, pelo menos momentaneamente enquanto uma vacina não surge.

A *internet* passa a funcionar, então, como uma espécie de “substituta” mais radical do espaço físico e o “virtual” o lugar para as interações sociais que antes se davam em âmbitos presenciais. Esse processo escancarou ainda mais a enorme desigualdade social que assola o mundo, já que muitas pessoas ainda não possuem acesso à *internet*, sendo praticamente excluídas desse novo formato desenhado durante a pandemia.

Não seria possível discutir aqui a ação desenvolvida pelo Labvis sem um preâmbulo sobre esse novo momento em que o ambiente *online* passa a mediar as relações sociais e comunicacionais e “regula” o funcionamento econômico das instituições. Impossibilitado de realizar qualquer atividade de forma presencial, o setor cultural, assim como os demais, recorreu a alternativa *online*. Formas coletivas e através das redes sociais surgem então como uma potente maneira de garantir que a cultura e a arte continuem exercendo seus importantes papéis sociais, mesmo neste momento delicado.

Perfis coletivos, *lives* de show, *lives* de entrevista, mostras, feiras, palestras, cursos e minicursos, exposições, disponibilização de acesso gratuito a várias plataformas e tantas outras iniciativas passaram a se multiplicar. E somadas a essa equação estiveram ações criativas marcadas pela utilização tanto de espaços físicos quanto virtuais simultaneamente.

Projeções de imagens em edifícios passaram a compor a visualidade urbana, principalmente como parte de intervenções propostas por coletivos e artistas, embora até pedidos de casamento tenham acontecido utilizando-se desta ideia. O projeto

“SP_URBAN Arte Conecta” (*Instagram*: @spurban), formado por Marília Pasculli, curadora mineira, e outros mais de sessenta artistas organizados em um grupo, realizaram projeções durante algumas sextas-feiras deste ano, de 19h30 às 22h, usando cinco laterais de prédios localizados na capital paulistana e em São José dos Campos⁴. Uma outra iniciativa que chamou a atenção nesse contexto, proposta por espanhóis, foi o *Covid Art Museum*, o primeiro Museu virtual surgido durante a pandemia, numa página no *Instagram* que reúne trabalhos de diversos artistas, inclusive brasileiros, retratando os novos paradigmas vividos neste período pandêmico. As centenas de obras que foram expostas foram organizadas em “galerias virtuais”. O perfil possui centenas de milhares de seguidores⁵. Assim como o *Covid Art Museum*, muitos projetos utilizaram-se de *hashtags* para o compartilhamento de imagens nas redes sociais e organizaram essas visualidades em perfis específicos.

A ação do Labvis

A partir do estudo teórico e das discussões realizadas geradas pela leitura de vários autores durante reuniões do Labvis, o Laboratório passou, então, a pensar em como desenvolver uma ação no *Instagram* cujo objetivo fosse promover a reflexão sobre a colagem dentro do campo das artes e incentivar a sua produção.

A “Chamada para colagens” foi realizada no *Instagram* @Labvis.ufca durante os dias dois de Julho a três de Agosto de 2020. As pessoas interessadas em participar deveriam produzir uma colagem ou utilizar de uma realizada anteriormente e enviá-la via *e-mail* do Laboratório ou através de um formulário *online*.

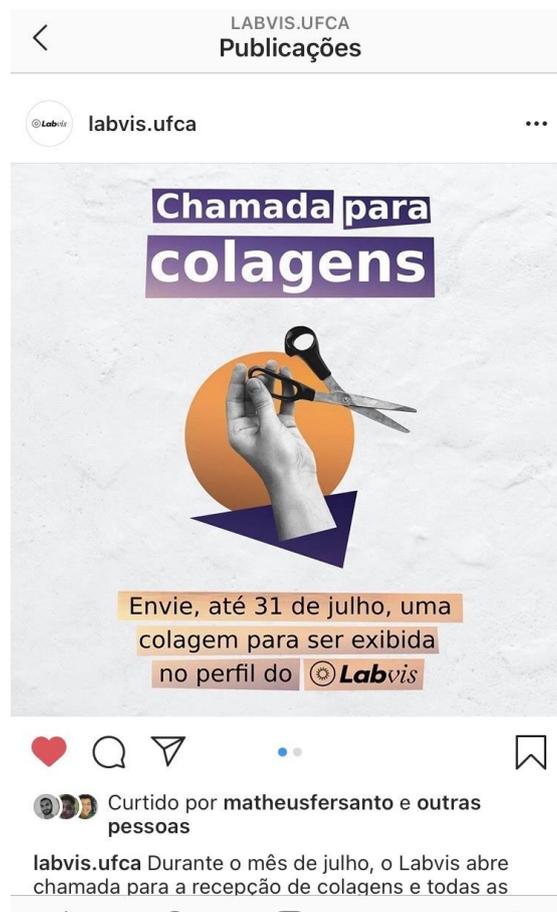
Uma *live* com o colagista e fotógrafo Chico Gomes no dia 28 de Junho, intitulada “Entre Fotografia e Colagem”, foi realizada, com propósito de chamar atenção para a ação e fomentar o debate acerca da colagem, com contribuições do artista sobre o campo da fotografia também, em um bate-papo muito interessante e produtivo.

O *Instagram* foi escolhido enquanto rede social utilizada para a atividade porque notadamente é um espaço focado nas visualidades em suas mais diversas manifestações, inclusive vídeo. Os seus recursos e ferramentas foram importantes e estratégicos para o compartilhamento das imagens.

⁴ In <<https://vejasp.abril.com.br/blog/arte-ao-redor/projecoes-video-mapping/>>. Acesso em: 02/10/2020.

⁵ In <<https://tab.uol.com.br/album/2020/05/14/passeio-virtual-conheca-o-covid-art-museum.htm>>. Acesso em: 01/10/2020.

No *post* sobre a “chamada para colagens” todas as informações sobre a ação foram explicadas com o propósito de chamar a participação das pessoas e algumas *hashtags* foram colocadas para que a ideia chegasse a novas pessoas que estivessem buscando ou acessando os seguintes assuntos: #colagem, #colagemdigital, #colagemanalogica, #colagemmanual, #colagembrasil, #colagembr, #colagemdigitalbrasil, #colagembrasileira, #labvisufca, #cultura, #visualidades, #ufca, #somosufca e #procultufca.



Captura de tela do *Instagram* @labvis.ufca.

O colagista Rogério Venancio foi convidado pelo Labvis para exibir um de seus trabalhos no perfil do Laboratório, como forma de ir instigando outras pessoas que gostariam de compartilhar seus trabalhos também. A “Chamada para colagens” contou com 22 participações, num total de 38 imagens recebidas, sendo uma delas desconsiderada por não atender aos critérios que haviam sido estabelecidos. Três dessas imagens foram produzidas por integrantes do Labvis. Ao todo, foram 40 colagens

reunidas pelo Laboratório, com 26 publicadas no *feed*, pois alguns participantes haviam enviado mais de uma imagem e foi combinado que só seria postado, por pessoa, uma colagem.

Essas produções enviadas partiram dos mais diversos lugares e participantes, incluindo nesse processo tanto colagistas experientes que já tinham inclusive perfis direcionados ao tema quanto pessoas que fizeram sua primeira colagem.

O critério utilizado para a seleção dos trabalhos foi pensar numa pluralidade das imagens, dando destaque aos diversos estilos e técnicas de composição. O resultado foi uma galeria com algumas colagens mais analógica e outras mais digitais, com muitos temas e sentidos diferentes.

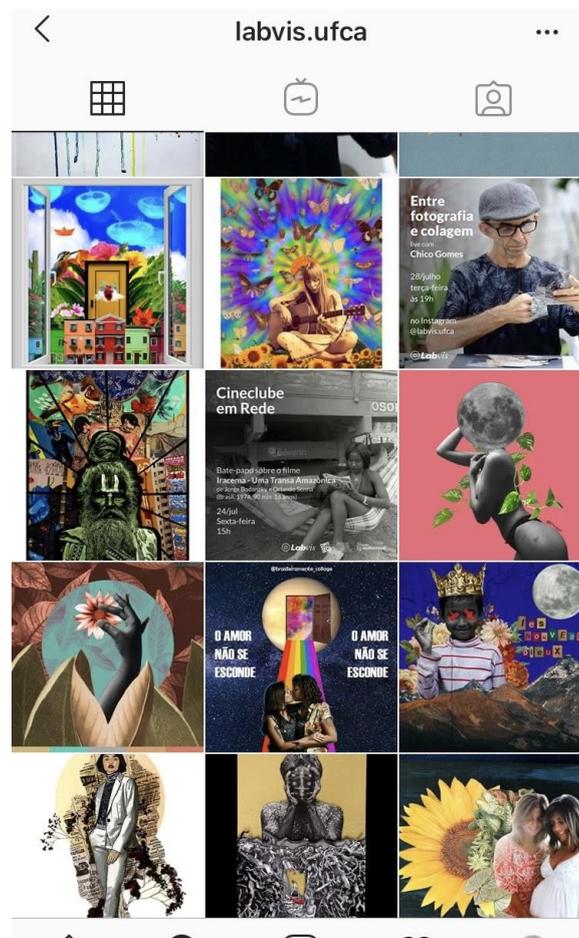
Bem como Iwasso (2010) já havia tratado no seu texto, a utilização de fotografias foi um aspecto bastante presente nessa chamada. Com o advento dos equipamentos digitais e a possibilidade da *internet*, a produção de imagens se tornou mais acessível. Através de *softwares* também é possível perceber a capacidade de alteração dessas visualidades. Isso tudo pode ser percebido nos dias de hoje através de *smartphones* e aplicativos de edição de fotos, por exemplo. Muitas foram as intervenções nas imagens observadas durante a “chamada para colagens”, algumas fotografias, por exemplo, claramente foram tiradas pelos próprios colagistas, enquanto outras eram recortes de papéis: jornais, impressões, revistas. Há um hibridismo e um diálogo entre a colagem e outras formas artísticas, como a pintura, como já destacado anteriormente neste artigo.

O fato de que as visualidades enviadas através da “chamada para colagens” partiram das mais diversas autorias, vindas de diferentes cidades não só do Estado do Ceará como de fora dele também, surpreendeu. Este aspecto deixou óbvio o alcance desse projeto e mostrou a potência e reverberação que a própria colagem possui, já que tantas pessoas se mostraram interessadas e várias já haviam trabalhado ou trabalham com a técnica. A estratégia de utilizar *hashtags* na publicação da chamada nesse sentido também parece ter surtido bastante efeito, além da *Live* no próprio *Instagram* já mencionada feita com Chico Gomes sobre o tema, que pode ter potencializado e chamado a atenção para o projeto. Interessante reparar como o fato de postar uma colagem a cada um dia pode ter sido fundamental também para que a ideia tenha mantido a atenção das pessoas e chegado a outras. Todas essas postagens continham *hashtags*.

Para os participantes que haviam enviado mais de uma imagem, o critério utilizado para a escolha daquela que seria publicada foi a técnica empregada na composição visual.

A possibilidade de encontrar variadas técnicas e temáticas motivou a curadoria das obras. Foi seguindo esse pensamento que algumas colagens que possuíam “desenhos” foram postadas, por exemplo, pois anteriormente as demais não possuíam esse recurso. Houve muita presença de ilustração nos trabalhos, bem como outros materiais. Chico Gomes já havia comentado durante sua *live* sobre as muitas possibilidades da técnica: entre os materiais utilizados pode haver o uso de madeira, areia, tecidos, folhas de plantas e flores, além de papéis de espessuras e peças diversas. Todos esses elementos são capazes de criar relevo.

Um interessante fator aconteceu numa colagem virtual que possuía movimento. Aproveitando-se da oportunidade de pluralizar a produção e a exibição desses produtos, o Labvis o exibiu e um debate acerca dessa possibilidade estética, movimento numa colagem virtual, foi levantado. No geral, a intervenção de cores vivas e a construção de algumas imagens aglutinando vários processos diferentes, do desenho ao texto impresso recortado ao mesmo tempo, ganharam certo destaque, inclusive no *feed*.



Captura de tela do *Instagram* @labvis.ufca mostra o *feed* repleto de colagens,

além de cartazes do Cineclube em Rede e da *Live* com Chico Gomes.

Considerações finais

É possível concluir, com base na análise demonstrada neste presente arquivo, que a ação com colagens no *feed* do Labvis durante os meses de Julho e Agosto de 2020 resultou em bastante êxito, sob dois pontos de vista diferentes: tanto do número de inscritos, que superou a expectativa do projeto da UFCA, quanto da qualidade das imagens enviadas, que misturaram diversos elementos, como ilustrações, fotografias, textos. Qualitativamente e quantitativamente a chamada das colagens foi positiva, de certa forma inesperada, e surpreendeu.

Essa ação atraiu olhares para o *Instagram* do Labvis, que ganhou seguidores e colocou o projeto como importante ferramenta aqui na região do cariri cearense, já que chamou a atenção de muitas pessoas, algumas mais “tímidas” ou “receosas” atuaram de forma mais prática divulgando a ação, e participaram como “espectadoras” das imagens exibidas. A repercussão gerou engajamento ao projeto e alguns desdobramentos como a participação de um importante perfil artístico regional, o Fluxo Marginal (*Instagram*: @fluxomarginal), em um Cineclube em Rede, outra ação promovida pelo Labvis junto a Corte Seco - Revista de Audiovisual de forma periódica e semanal, para conversar e comentar, entre outros temas, sobre suas produções audiovisuais marcadas pela colagem.

Marie-José Mondzain (2015) considera que a imagem é duas coisas em uma: ao mesmo tempo em que esta visualidade é uma operadora em uma relação, é também o objeto produzido por essa relação. Assim pode-se pensar na colagem.

“A indeterminação da imagem conduz a qualificá-la como não-objeto, como um lugar frágil onde o cruzamento de olhares que partilham a visibilidade do mundo instala o campo político desta partilha temporal” (MONDZAIN, 2015, p. 52-53).

A autora destaca ainda que a imagem é, também, fruto daquilo que a condiciona e a propõe, tornando esse sujeito, em contrapartida, objeto dessa visualidade.

A produção de imagem na contemporaneidade tem seguido cada vez mais essa lógica destacada nos parágrafos anteriores e passado por processos plurais. A dimensão da visualidade tem estado muito mais aberta a novas aquisições, possibilidades criativas e estéticas e camadas diferentes. O hibridismo tem permitido não só formas artísticas cada vez mais inovadoras como também tem reafirmado a colagem enquanto possibilidade. A colagem, por sua vez, tem encontrado formas de se reinventar ao passar das décadas,

principalmente com a ascensão dos meios analógicos ao mundo digital. Desta forma, o Laboratório de Cultura e Visualidades, ou simplesmente Labvis, se mostra muito satisfeito ao observar que tem contribuído para o debate e para o tema da colagem.

Referências

COLAGEM. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo369/colagem>>. Acesso em: 09/10/2020.

EVANGELISTA CUNHA, Simone. Entre o glamour e o engajamento social: um estudo de caso sobre a performance de Anitta no Instagram durante a pandemia de Covid-19. **E-Compós**, 16 set. 2020. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2168/2018>>. Acesso em: 08/10/2020.

GONÇALVES, Fernando. Comunicação, cultura e arte contemporânea. **Revista Contemporânea**. n08, 2007. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_08/01FERNANDO.pdf>. Acesso em: 01/10/2020.

IWASSO, Vitor Rezkallah. Copy/paste: algumas considerações sobre a colagem na produção artística contemporânea. **ARS**. Ano 7 N° 15, São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ars/v8n15/a04v8n15.pdf>>. Acesso em: 15/07/2020.

MONDZAIN, Marie-José. A imagem entre proveniência e destinação. In: ALLOA, E. (org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 39-53.

WENDERS, Win. Tirar fotos... (traduzido por José Geraldo Couto). **Once**. D.A.P. e Schirmer/Mosel, 2001.